

Adelino Torres

Tempo irreversível

(Poesias: livro IV)



Prefácio de José Carlos Venâncio

Dedicatória

- À Gabriela
- à mes enfants: Jacinto Torres, Catarina Torres Lambert, Elizabeth Torres McConville
- et à mes petits-enfants (Adèle, Camille, Clémence, Julien, Juliette et Michael) qui auront peut-être un jour l'envie ou la curiosité de lire en portugais les travaux de leur grand-père.
- À António Garcia Ramos, Sandra, Tatiana e Rodrigo.
- En mémoire de Casamayor (Serge Fuster) et de Jean-Marie Domenach, compagnons de la revue *Esprit*, par devoir de reconnaissance et d'amitié.
- À mes amis de plusieurs pays, à commencer par la France – ma seconde patrie – qui m'honorent de leur amitié et enrichissent ma vie.

Trabalhos do autor

1. Trabalhos literários:

Poesias – Livro I: *Uma fresta no tempo seguida de Ironias* (Ed. Colibri, 2008);

Poesias - Livro II: *Histórias do tempo volátil* (Ed. Colibri, 2009);

Poesias – Livro III: *Cantos do crepúsculo* (Ed. Colibri 2010);

Poesias – Livro IV: *Tempo irreversível* (Ed. Colibri, 2011);

Poemas in *Encontro – Revista do Gabinete Português de Leitura de Parnambuco* (Brasil, nº 19, 2005);

“Fotografia e desocultação da memória”, in www.adelinotorres.com , página “Filosofia”;

“Retour à la source” in revue *NRF-Nouvelle Revue Française* (Paris, Gallimard, 1967). In www.adelinotorres.com - página “Trabalhos do autor”.

Força Nova – Antologia de Poesia, (Coordenação e co-autoria), Luanda, 1961 (Prefácio de Jorge Almeida Fernandes e capa do escultor José Rodrigues).

2. Trabalhos académicos

Livros e artigos diversos, estes últimos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, nomeadamente nas áreas de economia, sócio-economia, sociologia, história e metodologia..

Prefácio

de José Carlos Venâncio (*)

A poesia de Adelino Torres continua a surpreender-nos no bom sentido. De livro para livro, o autor vai consolidando um estilo próprio, ganhando um lugar ímpar no universo poético de língua portuguesa. O volume que ora apresenta (Poesias IV), intitulado *Tempo irreversível*, consagra em título uma inquietação que tem sido central na sua poesia recente. Desde a primeira colectânea, *Uma fresta no tempo seguida de ironias* (2008), até à presente, a irreversibilidade do tempo, que o mesmo será dizer, o envelhecimento e a proximidade da morte, têm sido temas constantes da sua poesia, a condizer com a chegada à condição de “velho-jovem”, designação constante do poema “Tempo e metáfora”, inserto na presente colectânea. Releva, deste modo, uma fase da vida propícia à reflexão sobre o que se fez no passado e o que se poderá ainda construir no futuro, um tempo que, pelas circunstâncias biológicas, será sempre mais curto e, por isso mesmo, mais exigente.

Se esta é uma preocupação partilhada pelos seres humanos em geral, coloca-se com maior acuidade junto dos intelectuais por razões que se prendem com as suas inquietações e com a responsabilidade que usam e ousam assumir sobre o devir da humanidade. É este, de certa maneira, o caso de Adelino Torres, quer na sua faceta de académico de reconhecidos méritos, quer na de homem de letras, que, desde os tempos da juventude, passados em Angola, nunca abandonou, na verdade, a escrita e a literatura, como, de resto, o comprova a maturidade estilística da colectânea *Uma fresta no tempo...*, que marca, em termos editoriais, o seu ressurgimento como poeta.

Por razões de amizade e também porque partilho com ele o gosto da poesia e da escrita em geral, Adelino Torres, que é, à maneira angolana, um dos meus *mais-velhos*, num acto que, por isso mesmo, muito me honra, fez-me depositário da sua poesia. Quer isto dizer que, entre nós, se tem aprofundado uma relação que vai do lado da criação ao da crítica que faz, em muito, lembrar a relação que certos artistas plásticos têm para com os seus agentes, galeristas e público em geral, dando sentido a vários tipos de arte, tais como *art in progress*, *experimental art*, etc. São, em qualquer dos

casos, manifestações que, não obstante o perigo de perenidade, visam uma maior exteriorização, conseguindo, por essa via, uma maior aproximação ao público e, assim, pela partilha implícita, uma actualização constante. Muito à maneira de Simmel, devolvem o acto criativo à vida na expectativa que esta lhe reconheça os predicados que o tornam arte. Subjaz a este esforço uma necessidade genuína de passar a mensagem, o que, na verdade, encontramos na poesia que, a dado momento da sua vida, Adelino Torres achou por bem partilhar connosco. São as suas vivências, as suas ideias, as suas expectativas que nos são oferecidas em jeito de autobiografia. Uns preferem a prosa para o efeito, Adelino fá-lo a partir do exercício poético.

Na presente colectânea revê temas como o do economicismo, do racionalismo levado ao extremo, do racismo, da injustiça social, assim como das expectativas goradas em relação ao nacionalismo africano e ao comportamento das elites políticas do continente. Em relação a estas é profunda a sua mágoa, expressa em versos como os que se seguem, partes do poema “Os novos sobas”:

“São inconstantes carrascos
que acusam todos com tudo
com razões que só neles moram

inchando em cada dia
como rãs verdes no charco
de vaidade e fantasia” .

Como procurei relevar em textos anteriores, mais do que a vertente angolana da sua identidade, é o militante anti-colonialista, comprometido eventualmente com o marxismo, que se revolta desiludido. E, assim sendo, é, de certa maneira, a *Rechtfertigung* (explicação, justificação) do seu passado que o autor exercita neste e noutros poemas de igual teor.

A par da revisita a estes velhos temas que, pela sua recorrência, deixam antever que neles reside parte importante da sua identidade, a presente colectânea traz um notável conjunto de poemas de cariz filosófico, inspirados na obra de alguns dos mais importantes filósofos, escritores e pensadores, não apenas ocidentais, conquanto sejam estes, sobretudo, a serem invocados. Paul Ricoeur, Albert Camus, Paul Valéry, Marcel Conche, Aldous Huxley são alguns dos nomes referenciados. Os temas tratados são os da natureza humana, mormente de atributos que a tornam única, tais

como o pensamento, a comunicação e a linguagem. A problemática do tempo, nas suas diferentes vertentes, é igualmente contemplada, dedicando-lhe o autor vários poemas em que evidencia o carácter representativo e perceptivo do conceito, assim como o seu relacionamento com o envelhecimento subjectivamente experimentado, descrito, por exemplo, no poema “Regresso”

“O homem envelhecido
que regressa às origens
(...)
volta afinal aonde nunca esteve
(...)”.

Não é uma poesia triste ou pessimista, como, por vezes, a leitura de alguns poemas nos parece induzir. É um livro de esperança, conquanto realista e crítico, como se pode comprovar no poema “Pensamento livre” , inserto na parte final da colectânea:

“Não digo *adieu* nem mesmo *au revoir*
à nostalgia que sobra do passado

mas olho para trás de vez em quando
para me certificar que ainda estou”
(...).

Este poema, cuja mensagem faz jus à sua localização na colectânea, encerrando-a, é, na verdade, uma prova de vida, de uma vida eventualmente atribulada, mas realizada, que se revela pelo seu lado mais sublime e belo, o da estética. E ao exteriorizar-se nestes termos, o seu autor vai afirmando um lugar único no mundo das literaturas em língua portuguesa.

Covilhã, 10 de Outubro de 2011

(*) *Professor Catedrático*

Universidade da Beira Interior

CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade

1 – Adeus a um amigo

*Em memória de Alfredo Margarido
poeta do inconformismo e do possível,
amigo entre os amigos,
que nos deixou em 12 de Outubro de 2010*

Foi ao cair da tarde
quando a palidez cobria o dia
da penúltima estação do ano
que tu, meu amigo,
entregue ao sofrimento
sacudiste esse cansaço
e rumaste para o nada
onde a ambiguidade mora.

Mas ficou o eco das palavras
dos pensamentos lavrados em papel
das aguarelas leves como penas
a balançar nas mentes cautelosas
como funâmbulos do perigo
a hesitarem prudentes
entre o céu e o abismo
entre o ser e o *dever-ser*

onde o pensar atingiu
profundezas do vivido.
O que outrora disseste, meu amigo,
tem raízes na lembrança
da memória que perdura
gravada no desespero.

Resta viva a rebeldia
da lição que nos deixaste
em foles de sete vidas
porventura amarguradas
mas que mesmo assim são vidas.

Lá estão questões que abriste
como frutos já maduros
ou feridas que não se fecham,
perguntas que não terão
serena paz na resposta
a custo balbuciada.

Fica vivo o que disseste
numa obra revoltada
a morder os corações,
recusando o simulacro
que em nome da natureza
simula a repetição
eterna dos recomeços
que nunca mais têm fim
quando a reflexão se busca
no âmago do vivido
ou do que falta viver.

Para trás, na escuridão,
empíricos, pragmáticos
e técnicos congelados
da autocracia hodierna
desprovida de utopia,
habitam por entre sombras
na caverna de Platão.

Quando emergem ao ar livre
são morcegos meio cegos
que já não sabem voar

que deixaram escapar
como água entre dedos
a claridade da luz
que encandeia o olhar
porque, pobres redutores
prisioneiros do ter,
querem sempre assassinar
sem razão a *theoria*
em nome do que não sabem
e a título do que não são,

expulsos do fundo cósmico
que não vêem nem pressentem
que o ente é ser teórico
cuja ânsia de saber
desafia curioso
o que, amigo, ensinaste:
o assombro de viver...

2 – Utilidade do pensar

O sonho suspende o tempo
para explorar o impossível do engano
e atingir a essência
escondida nas dobras da verdade
para lá das metáforas
que transformam a liberdade da imaginação
em imaginação da liberdade

dando ao pensamento aparentemente inútil
a consistência impávida do rochedo
enraizado em terra firme
cumprindo assim a tal missão
para que servem os sonhos.

3 – Tecnocracia triunfante

Com a segurança de quem só tem certezas
num deserto de miragens traiçoeiras
onde a dúvida se perdeu
os tecnocratas preparam sem saber
novos Auschwitz para os que ainda ignoram
que mais terrível do que a morte
é o pesadelo vindouro de ter medo dela...

4 – Civilização do instante

Quando formos absorvidos pelo instante
e pela velocidade virtual
no espaço vertiginoso e etéreo
da geometria tridimensional
onde o relativo impera

então perderemos a memória
e não poderemos mais pensar
em nenhuma dimensão da história
porque seremos mortos-vivos
da reminiscência volátil

Sísifos abandonados à sua sorte
Ulisses naufragados num rochedo,
todos acorrentados à vida
pela morte e pelo medo.

5 – Se

A vaga de tecnicismo
que espuma à nossa volta
tem o rugido breve
do estar-aí para a morte.

Quando o refluxo chegar
e a espuma se dissolver
numa escultura informe
resta ainda saber
o que fica no seu lugar:

se o esperar moribundo
se vãos castelos no ar
se o princípio do fim
se a revolta do mundo...

6 – Rir

Pode-se rir de tudo a certo passo
mas não com todos,
sobretudo nunca
com os inimigos da liberdade,
disse quem gosta de ter
ar limpo p´ra respirar
nas três dimensões do espaço
onde não mente a verdade...

7 – Passagem

A visibilidade do oculto
reside no que a si se mostra
ao passar do isolamento à solidão
depois da perda e da renúncia.

É então que o sofrimento chega
quando o outro que existe
já não é o outro de nós mesmos.

8 – Ideia e facto

A ideia é mais
do que a pura duplicação do mundo.
No entanto o arco das ideias
não está reservado aos deuses
entre o menos e o mais
tal como o universo dos factos
não serve apenas
aos simplesmente mortais...

9 - Silêncio

O que é, move-se
e não pode passar sem vida.
Só o silêncio habita a imobilidade
quando o tempo é tão só um instante
sem começo nem fim.

10 – Criação

A pobreza do computador
é que se ele não esquece
também não sabe criar.

Talvez isso aconteça um dia
mas então a agressividade da ciência
ou da tecnologia sem rosto
abrirá as portas à irreparável
servidão do homem.

11- Efémero

[Para António José Fernandes]

Toda a vida comporta
enquanto tal um saber
uma espécie de retorno
da vida sobre ela própria

experiência vivida
no cerne do conhecer
mergulhada nos confins
a que teorias não chegam
e onde o ser, como as coisas,
se embebe de efémero
na finitude do ter.

12 – Migração das almas

A alma é apenas
a harmonia do corpo.
Quando a força desmaia
o espírito declina e não vê
que chegaram as primeiras sombras
à noite da memória.

Mas, dos sonhos que abrem alas
na via da eternidade
para essa *migração das almas*
que regenera a palavra
de que falam os antigos,

não decorre a imortalidade
porque ninguém sabe ainda
na queda livre sem fundo
p'la boca dum poço aberto
se a alma é vida ou pensamento
ou se a ideia constitui
uma miragem do mundo.

13 - Complementaridade

A sabedoria humana
é o saber de um não-saber.

Só o não-dito permite
ao que foi dito

de percorrer a estrada
até ao horizonte do alcançável

que amadurece as raízes
quando chega o entardecer.

14 – Rumos

Os homens sem circunstância
vagueiam pelo universo
na ilusão de encontrar
um rumo fora de si.

Mas não olhando p´ra dentro
vêm o fora vazio
sem pegadas no caminho
ou no chão onde se miram.

O horizonte não mostra
orientação ou ocidente
norte ou sul na direcção
irresoluta e sem fim
dos reflexos sem nexos

pois espelhos só reflectem
os nenhures da razão
e perdem-se os caminhantes
sem mesmo saber quem são.

15 – Memória

[Para Inácio Rebelo de Andrade]

Todos somos outros
e nós mesmos

salvo quando a memória se dilui
porque sem lembrança, morre-se,

os olhos deixam de ser
os órgãos da alma

e o tempo transforma-se
num precipício intransponível

para reencontrar o passado
que agoniza nas palavras.

É aí que perecem os incautos
em beirais do impossível

caindo no abismo
do pensar fragmentado

por mentiras sobre o bem
e silêncios sobre o mal

quando a ciência já não é
a exaustão do real...

16 - O regresso da crise

Como esqueletos que saltam
de armários bolorentos
os camisas negras estão de volta
em fardas de múltiplas cores
sempre a ranger os dentes

com furor não vacinado
pela acção do Pasteur
para se dar ao respeito
que tanta falta lhes faz
quando convém ou dá jeito.

Têm a baba a escorrer
e uma bÍlis agreste
com sanha e raiva a valer
mas ninguém sabe a razão
de tamanho descalabro
que provoca indigestão

às vezes apoplexia
em cenas de pandemónio
como as que já foram vistas
nos tempos dos filmes mudos
e da Guerra Mundial
quando o terror era a regra
de sádicos e masoquistas
em insânia romaria
de irmãos gémeos do mal.

Época reconfortante
esta que agora vivemos
finais de 2010,
do império da Finança

cheinha de tecnologia
de Certeza e Confiança
a levantar às alturas
do sossego mais que justo

a moral dos accionistas
benfeitores do crescimento,
os quais, aliviados
e com muito sentimento,
batem palmas ao enterro
da Europa a espernear

sob as golpadas certeiras
da velha especulação
enquanto Monet e Schuman
dão pontapés no caixão
e se fartam de berrar.

Por toda a parte desfilam
em pose de carnaval
essas gentes excitadas
do mercado folgazão
que levam a grande festa

ou, melhor, o festival,
sem apelo nem agravo
direitinho ao matadouro
p'ra galinhas sem cabeça
porque memória é coisa fraca
e tudo o que luz é ouro.

17 - Justificação da palavra

A palavra só tem alcance
quando uma resposta é possível.

É essa a condição do diálogo
para que a compreensão do significado
não seja retórica vazia
e o ser ou a coisa sejam entendidos
como presença do que está presente

porque as perguntas são absurdas
quando se sabe a resposta.

18 - Unidade

O uno é sempre múltiplo
na totalidade dos possíveis
antes da palavra ser conceito.

A unidade da palavra
é a que merece ser dita,
a unidade do pensamento
é a que merece ser pensada.

19 - Antecipação

A primazia da consciência de si
sobre a consciência do mundo
é a linguagem da sombra
na antecipação especulativa do absoluto.

20 – Tempo de viver

Deixei passar o tempo
e não o agarrei
porque como um raio
ele se me escapou
e passivamente
por ali fiquei
a vê-lo partir.

Agora que vai
lá longe distante
de costas viradas
já no fim da estrada
do futuro escasso
onde me quedei

mordem-me remorsos
de não o ter parado
porque ele também
precisa de tempo
p'ra viver a vida
que passa uma vez
mas duas jamais
como águas dum rio
que chega do norte
e morre no mar
não voltando mais.

21 – Outono da vida

É no braço pendurada
que a angústia caminha
com as passadas incertas
de um cego que busca
a boca das armadilhas
que se abrem sob os pés
onde tomba o desespero.

Aquele braço que apoia
a angústia que a ele se agarra
por sua vez já não tem
a firmeza de outrora
e se põe a vacilar
ano a ano, hora a hora
enfraquecendo também.

A fraqueza e a angústia
juntam-se as duas então
transformando-se num pássaro
que levantou voo da neve
com asas de gavião

e se lançou p'ras alturas
direito à serra dos medos
numa altitude infinita
onde o céu sente vertigens
tão longe que o regresso
é já um sonho impossível.

Foi por isso que partiram
a angústia e o seu amparo
transformados numa ave

e nunca voltaram mais
ao sofrimento que mata
ao desespero que dói
às penas que o tempo dá
à angústia que corrói.

Agora vivem lá longe
na abóbada do céu
escavada no silêncio
por não mais haver lugar
nem calor nem amizade
na terra para os abrigar

22 – Diálogo

No diálogo as palavras
jamais são isoladas
como ilhas num mar perdido
ou navio naufragado

mas chaves para decifrar a substância
infatigável do sentido
na presença do que é pensado.

23 – Limites da razão

A razão não é o sistema
de todas as razões
e não reconcilia
o pensamento e o ser
nem se reconhece nos objectos
como num espelho
quando estes são apenas o reflexo
de um orgulhoso querer.

24 – Ambições realistas

Nos campos estiolados da metafísica
plantou-se a ontologia da substância
contida na ambição dos poetas e dos loucos
para quem pensar visa o absoluto.

Porém, se a vida é ao mesmo tempo
liberdade e espírito que aos poucos
ergue a muralha da tolerância
e dá ao infinito o significado

das coisas terrenas construídas devagar,
então só humilde realismo colado à utopia
pode eliminar a longínqua distância
que separa o ser do dever-ser

com os passos comedidos da prudência
para atingir o ponto de acalmia
onde os barcos fundearão um dia
depois de uma desesperada ausência.

25 - Identidade

Nenhuma palavra é a última
nem sequer é a primeira
ainda que alguém escute
a sua própria voz.

Por isso a linguagem
se encaminha rumo à escrita
e é lida para existir
porque sem tal testemunho
que partilha o ser-no-mundo
e lhe oferece o sentido

os caracteres deixados sós
agonizam lentamente
são uma mancha obscura
confusa interrogação
de um universo dormente
pelo cinzento grisalho
de um Outono toldado.

Só quando nasce a poesia
em signo indeclinável
que quer ser decifrado
e se forma em literatura
libertada das grilhetas
da cansada hesitação

se inaugura a nova idade
p'ra assumir o compreender
do outro dentro de si.

É então que a identidade
volvendo no acontecer
recusa a pobre ilusão
de fingir o fingimento

e tem força de afirmar
contra o mal que despontar,
tanto o *sim* para viver
como num trágico porvir
responder *não* e morrer.

26 – Palavra

*Relembrando o filósofo
Hans Georg Gadamer,
jardineiro que semeou poesia
pelos canteiros do mundo.*

A língua reformula-se
em cada diálogo,
que faz ressoar a palavra
na sonorização do silêncio.

A relação que une
a palavra e o conceito
junta linguagem e pensamento
na nova teoria da razão
em cada ser que só é ser
por ser único.

Essa razão indizível
é a estrutura secreta
a caminho da escrita, porque
não pensamos em frases
mas para lá de todas as frases.

27 - Inquietação

O caminho da civilização
é a pergunta inquieta
de como refazer o equilíbrio
entre medida da ciência
e sentido da medida

entre os limites da crença
e o espaço amplo, aberto,
que se projecta no cosmos
com raízes no incerto

onde a ascese da ciência
é a bússola desnordeada
que já não encontra rumos
que preencham a ausência.

28 – Natal

Vóvózinha, disse o menino,
o que me vais dar no Natal?
Não posso dizer
é segredo de certeza
que de muito longe vem,
retorquiu solene a avó.

Mas, disse o menino
com espanto e firmeza,
não digo nada a ninguém!

Foi assim que sem saber
nasceu a lógica
o bom senso
e a filosofia também...

29 - Turbulências contemporâneas

O presente abre o futuro
e vai mudando o passado
como duas faces de Janus
que oscilam entre memórias
e pelo cosmos vagueiam.

Esse presente é tumulto
entre fúteis aparências
da universalidade perversa
de uma sageza vazia

em vastos sopros ambíguos
dessa nova liturgia
que escreveu a partição
de fúrias desencontradas
na natureza diversa.

É o pensar que se fecha
e já perdeu luz do dia
nas montras iluminadas
que o vácuo invadiu
e a pouco e pouco esvazia

ao chegarem outros tempos
que nos trazem a demência
nas folhas e nas raízes
porque as feridas do espírito
que apodrecem devagar
já não deixam cicatrizes

30 – Espírito absoluto

O espírito absoluto
está presente em si próprio
no intemporal sem fronteiras
onde a arte de entender
é a arte de escutar
a razão do outro.

Dai vem a hermenêutica
que tenta sempre saber
porque nunca alcançaremos
o que amaríamos dizer.

31 – Tempo

O modo mais originário
da presença do passado
não é a lembrança
mas o esquecimento
que dorme no interior
íntimo do tempo.

32 – Concretude

É preciso expulsar
as ilusões suspensas
no céu do impossível
que se insinuam lentamente
entre a unha e a pele
tal como o pó do deserto

para não perder noção
dessa diferença latente
entre a lonjura e o perto
entre o certo e o incerto.

33 – Mistério do pensar

[Relembrando Martin Heidegger]

Para lá do pensamento
há a linguagem do pensado
que reproduz o pensável
no discurso do devir

mas não o imemorial
do ser que é ele próprio
e que a palavra natural
não é capaz de exprimir.

34 – Criação

[Para Eleutério Sanches]

O pensamento segue rumos
de finalidade vaga,
é paixão impessoal
onde o autor se apaga

e a arte se acende
numa linguagem que corre
em grutas ensombradas
como uma caça ao tesouro

na busca do Eldorado
onde o comum chega ao ser
em fontes frescas que brotam

de outras nascentes mágicas,
como quando o que é pensar
se dilui no que é pensado.

35 – Vontade

O que tem sentido
não é apenas o ser
no primado do discurso

mas o querer
da vontade que destrói
barreiras no céu rasgado
e descobre um campo aberto

para lá do que é finito ou infinito
presente que se mira no passado
onde tudo se pode refazer
salvo regressar no tempo
ou voltar alguma vez da morte.

36 – Imprevibilidade

A imprevisibilidade do destino
não impede de pensar o que é
nem permite justificar
a desconstrução implacável
do passado que herdámos

repartido entre o real
e o incerto imaginário
da irresolução difusa
que se perdeu no caminho

37 - Aparência

A existência afirma-se
com raiz no próprio mundo.
Mas é a experiência do tempo
que nos confronta com a finitude essencial
quando passamos a fronteira móvel
da ordem pura da aparência
e penetramos noutra dimensão
que não sabemos se tem a consistência
do sonho que se sonha ser real.

38 – Maravilhoso mundo novo

[Relembrando Aldous Huxley]

A era do delírio tecnológico
instalou a *des-lembrança* do ser
na filosofia perplexa do Não
quando os deuses se embriagaram

e um dilúvio de certezas
desabou sobre o mundo
abrindo clareiras de desespero
que apodrecem as raízes ancestrais
num cosmos onde a luz
se apaga a pouco e pouco

ao chegarem relâmpagos e estrondos
que cegam e ensurdecem
como um maestro louco
em gesticulação demente
dirigindo uma orquestra de autómatos
a tocar no fundo de um abismo
onde jaz o destino do ocidente
e talvez do mundo

39 – Simbiose

Para lá da diversidade
há a unidade do múltiplo
se diferença e identidade
habitam o mesmo instante

nessa relação estranha
entre a ideia e o vivido
enquanto existirem velhos
que foram contemporâneos
de um presente perdido.

40 – Palavra e pensamento

O que fica é só o nada
lá onde falta a palavra
e o seu enigma
expresso nos sinais.

Porém só se aprende a ver
através do pensamento
no tactear hesitante
por entre a obscuridade

quando aí falta à linguagem
o instrumento criado
para lhe dar existência
porque as palavras que voam

não crescem como flores
em terras abandonadas.
A substância da vida
é aquela transparência

do saber do que nós somos
pois é ela que semeia
o que deve ser pensado
no ser que a si mesmo se desvenda.

41 - Tempo que vivemos

Vivemos o tempo
da vontade de esquecer

de negar a continuidade
disfarçada em fogo brando

para afirmar a cada passo
a falsa inovação da novidade

volátil como a luz que se desfaz
em estilhaços quando a sombra a come

no seu véu de tempestade
que traz o ocaso ao fim da tarde
como a morte na dormência.

Depois o pensamento do nada
deixará que a angústia aceda

ao coração solitário da essência
para descobrir que o centro da verdade

não é o lugar do julgamento
como a esperança não é espera

mas tão somente um caminho
na rota da alteridade.

42 – Erlebnis

O sentido profundo do *erlebnis*⁽¹⁾
com o seu fundo de musical sonoridade
opõe-se ao racionalismo frio
que mora no mundo inerte
do falso romantismo da totalidade.

Quando os factos não são apenas factos
mas unidades de sentido
em tudo o que realmente toca o ser
então são assumidos por si próprios
fundados no amplo movimento

não da consciência como processo no tempo
mas do tempo como forma de consciência.
Por isso a relação entre a vida e o vivido
não é a relação entre o geral e o particular
se *erlebnis* for a tradução do todo

num movimento que só pára no infinito
abrindo caminho à aventura humana
na rebeldia constante e exigente
que dá à palavra um eco de poesia
e subtilmente a faz sobreviver

para lá dessa banalidade morna
que se afoga quotidianamente
na praia deserta quando a maré está vazia
e o dia entre os dias decorre sem acontecer
apático, mortal e indiferente.

(1) “*Erlebnis*” conceito filosófico alemão para “*vivido*”.
[Cf. Gadamer, *Vérité et Méthode*, pp. 78-87]

43 – Até soar a hora...

*[Terrorismo: o apocalipse
da razão]*

A letra mata e o espírito dá vida.
Mas quando a intolerância cega
a seiva escorre sem nada fecundar
e a alma é um tronco ressequido

que a mais ligeira brisa quebra
no breve instante da verdade
até cair por terra quando tocam
nas aldeias os sinos a rebate

ao soar a hora do perdão ou da vingança
da paz ou do último combate.

44 – Cinzas ao mar

Cinzas deitadas ao mar num gesto último
perpetuam a alma que navega
na espuma das marés a embalar
o berço de uma nova vida.

Às vezes vêm à tona respirar
em dias que a claridade espreita
as entranhas dos deuses desse mar
que a luz visita num breve clarão

na abissal e trémula profundeza
onde seres convivem complacentes
com as cinzas moldadas pelo fogo
que na impenetrável escuridão

deram aos corpos uma forma de beleza
ao trazer consigo impregnada
a arte sagrada da ressurreição.

45 – O tempo dos relógios

O tempo à solta fuge apavorado
como um rio que escapa da nascente
numa viagem sem regresso e sem remorso
até ser apresado nas algemas de ouro

que matam a liberdade original
do natural movimento das estações
a marcar o ritmo ancestral dos elementos.
Agora já por todos foi esquecido

que a arca de Noé não tinha
engenho, motor ou mecanismos
nem vela desfraldada,
só o sopro do tempo e nada mais

quando navegou até bom porto
cortando com sua quilha afiada
campos de sonhos congelados
num mar de relógios fraudulentos

que aguardaram em silêncio a hora
até chegar o dia em que o dinheiro
e o tempo se equivalem
e o passado e o presente se mutilam

no altar ensanguentado dum presente
ambíguo que passa sem passar
apenas para cumprir em vão
um destino que em cada dia mente.

46 – Essência

O idealismo da essência
inscreve-se no reconhecimento
se o que é conhecido
atinge o centro da verdade
naquilo que se revela
para lá do mimetismo solar
do seu próprio modelo,

como quando se busca o divino
na exaltação ainda pueril
de um anónimo culto popular.

47 - Identidade e reconhecimento

*[Relembrando Paul Ricoeur,
filósofo da serenidade]*

Não é na equívoca identidade
a conter o mesmo de si própria
que alcançaremos a construção do todo

mas sim no estranho reconhecimento
do mesmo pelo outro
que integra a viva alteridade

nessa pulsão cósmica universal
com que um rio entra mar dentro
e gera a energia da reciprocidade.

48 – Tempo e metáfora

Outrora fui um jovem-velho.
Com a espessura do tempo
criei raízes e podei os ramos
recebi na face os ventos da mudança

até chegar a velho-jovem
que sabe agora que na longa narrativa
tudo passa sem se dar por isso.
Descobri então que nada é linear,

a coerência da história é ilusão
por entre escombros de bonança
onde os homens se procuram
para raro se encontrar

porque o tempo só é real e vivo
como a maré a cantar
quando vai ao encontro da metáfora
e cria sentido ao falar com ela.

49 - Remorso

A dívida nunca paga
àqueles que um dia amámos
mas com a morte partiram

é um remorso que fica
sem remissão a pairar
na consciência diluída

dos sonhos que nos despertam
em farrapos de alvorada
no mar de pesadelos de uma vida

50 – Liberté, égalité, fraternité

[Pour Philippe Béraud, França]

A antiga bandeira ainda flutua
no coração persistente da memória
quando asas da lembrança
se abrem para atravessar o céu
entoando o hino da liberdade

nas vozes de Brassens, de Piaf,
de Moustaki, do velho Brel,
de Montand e de Léo Ferré,
a cantar igualdade debruçados
ao balcão do arco íris.

É então que assoma no horizonte
a sombra esquiva da fraternidade
procurada em cada geração
que aguarda a chegada de Godot
no cais abandonado de uma decrepita estação
onde os passageiros são esperados
dia a dia, hora a hora
num silêncio alvoroçado
onde a resignação já não mora.

51 – Tentação

O homem de poder
não o pode ter
ao desbarato
porque não há santidade
nem senso que valha
quando a carne é fraca
e a loucura eterna

como alma canina
vendo um lampião
ao dobrar da esquina
cede à tentação
cheia de alegria
de alçar a perna
mesmo sem carimbo
nem a permissão
da Filosofia...

52 – A Fábula do tempo

[“*O tempo não existe*”.
Nadir Afonso]

A história é objecto de saber
mas é também determinada
por um saber de si própria
na continuidade desenhada
no âmago do movimento
onde o tempo é uma fábula.

53 - Utopias

Já não existe interpretação diversa
entre os escritos sagrados
e os que nascem profanos
porque nos tempos de neblina
por entre passos que hesitam
há uma só hermenêutica
no grande livro obscuro
da velha história do mundo
onde o texto se dilui
no magma do contexto
de um cosmos bárbaro e profundo
desse sentido do ter
ameaçando utopias
que agonizam sem saber
se existem estradas abertas
na caminhada do ser.

54 – Passagem para o largo

Foi de noite que lancei ao mar
lembranças do tempo que vivi
que ao passar sem passar também ficou
na sua imortalidade passageira

como um barco de papel que navegou
deslizando mansamente para o largo
sem talvez nunca se afundar.

Foi nessa noite cerrada do inverno
que se foi afastando devagar
deixando para trás a solidão
no homem sentado à beira-mar

até ser o ponto imaginário sem destino
de um pobre corpo agora ausente
repartido entre o passado e o futuro
mas que na memória revive persistente
projectando uma luz que paira
como um fantasma benévolo
debruçado lá do alto sobre um muro.

55 – Renovação

A terra é um grão minúsculo
que rola na poeira do universo.
Mas o sonho que irradia
sobe imparável a falésia
e mira lá do céu os outros sonhos

que crescem calmamente como as ervas
afagadas por brisas de marés
sem a turbulência a encher o dia
serenando as vozes
que montam às alturas

onde a claridade tem
sombras escuras
de pensamentos traídos
e os sons se recolhem de cansaço
no silêncio do tempo fragmentado

para mais tarde regressar
quando renascer uma aurora nova
vinda do longínquo mar
e o tumulto que alimenta a vida
outra vez voltar

na renovação do sentido
que pensa que o tempo existe
ignorando que não se vive para viver
mas para se ter vivido.

56 – Para lá da razão?

Os homens são
mestres do fragmento
ao tecer em filigrana
as formas inconsistentes
onde não cabe a razão

numa morada de sombras
construída em castelos
de espaços largos dormentes
que tecem teias à volta
das guaridas da ilusão

onde se chega e se parte
sem saber como viver
nem como tudo se acaba
nem porquê, de que maneira,
tal passar tem um sentido
no limiar duma coisa

que ultrapassa a ombreira
dessa porta que se abre
ou se fecha para o nada
da vontade derradeira
que não sabe se é razão
ou a crença verdadeira.

57 – Sentido

Nada vive sem sentido
das coisas dentro das coisas
que se encaixam como *puzzles*
num acaso ou num destino

mas que hesitam em escolher
entre o déficit do comum
e o império do Eu
que se movem sem saber

como uma estátua do tempo
que defronta as intempéries
e aos poucos vai definhando
nas perguntas sem resposta

do velho espanto do mundo
quando a morte nos visita
na branca luz que estremece
em lábios dum moribundo.

58 – A morte do Político

Quando partidos se transformam
em fortalezas inexpugnáveis
por ambições voláteis,
uma a uma as vozes emudecem
e cresce o silêncio das vontades

como raízes que apodrecem
no ar rarefeito das rotinas
vencidas por litâneas
de orações decoradas
que recitam sem saber
o vazio das palavras
a custo pronunciadas

perdidas velhas ideias
que lutavam pelo ser
nas origens desse tempo
que hoje já está esquecido
no meio da nebulosa
que desconhece o sentido

dos limites da razão
que sempre invade o mais ter
na ordem da sordidez
relativista e confusa,

incapaz de compreender
a diferença basilar,
mestra da sensatez,
entre dizer sim ou não

59 – “*Raças*”

[*Para Emmanuel Carneiro, Angola*]

As culturas são como vagas
que vão e vêm no mar
que dão e tomam ideias
nessa magia do signo
num constante repensar
que transmuta o que já era
no que mais tarde será.

Por toda a parte se morre
e outra vez se renasce
em todos e por igual
sem distinguir latitudes
de norte a sul duma terra
semeada de províncias
(impérios que faleceram)
que gira sobre si própria
estonteada e mortal.

Mas sobrevive um saber,
em urna mumificado,
que não sabe que uma “*raça*”
é um conceito aleijado
na mentira do pregão
às escondidas com o mal
ao negar que o sangue é mesmo
em toda a parte vermelho
salvo em bichos doutra raça
como são o escaravelho
jacaré ou escorpião..

Já descobrimos que hoje
o velho “universalismo”
visto apenas lá do Norte
deu lugar ao *plural*
a girar num cosmos novo

como pássaros coloridos
em torno duma flor
a transportar o seu néctar
em lonjuras sem fronteiras
que ignoram sentidos
como o bem ou como o mal

e vão refazendo o mundo
num longo bater de asas
persistente, obstinado,
desesperado e igual...

60 – Presença e interpretação

A presença não se inscreve
na permanência, mas numa
outra dimensão
que foge à temporalidade
onde a interpretação
supera a substância
na forma duma telúrica vontade
nascente da rebeldia
contida na obra de arte
no pensamento que arrisca
ou na poesia

nos poderes significantes
que recusam
um construtivismo efémero
assente nos alicerces do banal
quando esquece as metáforas do espírito
para só reter o material
a esconder-se por detrás
daqueles tabus discursivos
que protegem o estatuto
duma retórica vazia
de obscuro sentido
sempre a viver na fronteira
do mimetismo inconfessável
da tautologia.

61 – Verdades

Tenho o sentido da vida
onde a morte está também
lá no fundo, bem contida,
até que um dia ela vem

de surpresa, de repente,
ou então anunciada
numa passada dormente
misteriosa e prolongada

mas tal não quero aguardar
porque a paciência não sobra.
Recuso esse arrastar
e meterei mãos à obra.

Não é orgulho escusado
mas amor à liberdade
a manter até ao fim
por respeito pelo Não
na luta pela Verdade
em última decisão.

Porque a verdade é muito mais
do que uma coisa verdadeira.

62 – Esquecimento do querer

A liberdade tem dentro
a sua própria verdade,
por isso a morte de Deus
não nos tornou mais livres
nem contemporâneos
de nós próprios.

O tema da morte do homem
também faliu sem sucesso
porque este se multiplicou
à imagem e semelhança
da velha profecia.

A ilusão esteve sempre
na raiz desse dilema
que a tradição ofereceu.
Foi porém no esquecimento
do pensamento político
perdido nas encruzilhadas
onde a verdade agoniza
porque a essência se perdeu

e as ambições quedaram
no ermo de uma estrada
que conduz a parte incerta
quando esculpiu na paisagem
nua, despovoada
e de vontades deserta

esse vazio do nada
que aguarda o retomar
de uma nova viagem
que passe a fronteira aberta
da razão que quer ter querer
e que recusa esperar.

63 – Funeral da ortodoxia

Nestes tempos conturbados
a Economia super-científica viaja
em solene procissão
passando do macro ao micro
da caldeirada ao feijão
ortodoxa e sapiente
que traz preso pela mão
o seu próprio funeral
já contido *in vitro*
num frasco de mercearia

impondo sem grande mal
com pura feitiçaria
bastos truques matemáticos
mercados e demais rezas
em dogmas que são eternos
apesar de algo asmáticos
numa vida de folia
nas liturgias das modas
e de certezas letais

em modelos confiantes
nas expectativas racionais
de museus imaginários
onde os crânios dão à luz
imensos protozoários
e outras mais novidades
sempre-sempre geniais.

64 – Fraqueza

A fraqueza da racionalidade
é ignorar o irracional
e o seu cortejo de rancores

mesmo quando bastaria
varrer a espuma num sopro
para repor a essência.

65 – Resistência do ser

[*Relembrando Ossip Mandelstram*¹]

Às vezes ouço a voz de Mandelstram
que traz a fragilidade das manhãs
deslizando pelo dorso das colinas
para levar o eco dos seus versos
até à tundra gelada onde germinam

como se o vazio estivesse povoado
de mãos abertas, sequiosas
de receber a dádiva que transporta
a resistência poética de viver.

E tanto faz que seja a tundra ou a savana
planícies ricas saciadas
ou florestas hirsutas, desgrenhadas,
as sementes fertilizam sempre

arrastando inexoravelmente
a harmonia dos aluviões
escondida no silêncio que desperta
da letargia de um sono ausente

para fazer ouvir o testemunho
de uma voz que chega de além-túmulo
enquanto nas sibérias desta vida
houver quem resista amordaçado

¹ Ossip Mandelstram: grande poeta russo nascido em Varsóvia em 1891 e morto em 1938 de fome, de frio e de maus tratos num campo de concentração soviético da Sibéria..

inscrito no apolíneo impulso
como tempestade na cauda do trovão
que varrerá um dia a terra
transformando o deserto em fértil chão

onde nascem os sons do movimento
que darão ao tempo a dimensão
tridimensional do reviver

ao murmurar no coração do homem
a infinita extensão do ser.

66 – Viver entre as ideias

[Relembrando Albert Camus]

Foi Camus que nos deu alento
para abrir caminho entre as ideias
que paralisam, sem dizer, as mentes

e repensar a falsidade ou a mentira
por entre pregões que enchem feiras
em tumultos de gritos estridentes

dos falso profetas que proclamam
verdade luminosas logo estioladas
antes que regresse outro amanhã

e assim sucessivamente no rolar do tempo
porque tudo é apenas energia
que desmente a eternidade vã.

67 – Perseverança

Nem sempre somos responsáveis
por estarmos caídos
mas é nossa responsabilidade
levantarmo-nos do chão.

68 – Genocídios

[Para Jacinto Rodrigues]

Enquanto a matança continua
na trovoada dos tambores de guerra
e brilham ao sol catanas e machados

os altos poderes na capital do mundo
discutem febrilmente noite e dia
a semântica dos princípios elevados

para saber se a palavra é “genocídio”
ou outra qualquer que falta definir
em convenções de linguagem elegante
redigida em termos educados
onde todos falam para se ouvir falar

provando que o sentido do conceito
tal como está nos papéis oficiais
deve ser nobre e escoreito
com excelsas regras gramaticais.

Enquanto se tratam estas coisas transcendentais
nos areópagos onde discursam solenes
semi-deuses sempre de passagem,

lá longe permanece o extermínio
dos incómodos recalcitrantes
que ignoram os tramites legais

e não reconhecem prioridade à gramática
e à sua necessária transcendência
porque nunca leram tratados geniais
onde a paz é sempre enaltecida
e explicada com infinita paciência

em termos sábios, arcanos e morais
aos ingratos que não sabem ler
nem querem ir à escola
e têm ambições evidentemente a mais
nessa mania incurável e grotesca
de unicamente querer sobreviver
qual peça de teatro ionesca

o que é uma indecência sem maneiras
dessa plebe ignara sempre a querer
almoço, jantar e sobremesa,
ambição intolerável sem sentido
de orgulho indecente e desmedido
que desconhece a ordem natural, eterna e imutável
que os tratados não chegam a dizer
segundo a qual, fatal como o destino,
nunca terá o seu lugar à mesa...

69 - Unicidade do mundo

Quando os sonhos decaírem
como folhas mortas de uma árvore ancestral
os homens reviverão crepúsculos vermelhos
que mergulham corações nas trevas
e trazem de volta o gelo milenar.

Então olharão a diversidade humana
expressa em falsas raças e variegadas cores
de imaginários preconceitos
ódios inúteis ou fingidos amores

e verão que ela esconde lá no fundo
a misteriosa unidade assente
em alicerces de viva claridade
de uma natura por toda a parte igual
que faz de um ser um ente
a iluminar a obscuridade
do pensamento errático

no âmago da alteridade
onde ecoam passos que estrebucham
nessa vertigem suprema
do encontro consigo próprio
ou, quem sabe, com o outro
cada qual sempre mortal.

70 – Unidade do ser global

A alma humana não é relativa
nem tem espessura nem cor

mas quando vive o instante
voa como o condor

em espaços sem fronteiras
nas dimensões do ser que mora

nas latitudes abstractas
das convenções inventadas

que não podem dividir
o que não é divisível

porque o ente é um só
em qualquer céu que atravessa

ou na terra em que habita
onde o imaginário constrói

alicerces virtuais
que sustentam o possível

mesmo quando o movimento
dá a vida ou a destrói.

71 – Finitude

Os homens que têm olhos na nuca
viajam através da criação
desdobrando os véus do tempo
a pensar de ordinário nas palavras
mas nunca mirando as coisas

absortos que estão nas fórmulas aprendidas
onde o tempo abstracto ignora a duração
como dias e noites repetidas
sem a magia do concreto imprevisível
vivido na consciência e na razão

perdendo assim a dimensão do ser
por não saberem jamais que a finitude
assumida a cada instante na exigência
é que dá sentido ao ser viver.

72 – Desocultação

[Relembrando Gaston Bachelard]

Água, fogo, terra e ar
são os quatro elementos
que moldam a criação
nos aterros do pensar.

A água bem como o fogo
são duas pátrias da morte
donde renasce uma vida
que se confunde com ela
como a terra e como o ar
que deslizam sem dizer
na carapaça do tempo

num espaço que logo abraça
o que existe espacialmente
e pelo caminho traça
os caprichos da razão
nessa aventura mortal
que se repete de manso
sem que se faça atenção.

Mas é na poesia a nascer
em campos desnudados
pela desocultação

que está o cerne das coisas,
vera verdade do ser.

73 – Nostalgia

Eis o país dos generais sentados
e dos navios apinhados de almirantes
que singram no lago do jardim
soprados por sonhos de aventura

porque sonhar é essência de existir
com cheiro suave de alecrim
e quase tudo é a fingir
nesse existir inquieto que perdura
em nostalgia sem fim.

Aqui ninguém sabe mais
que os barcos são de jornal
as cores das águas mudaram
e as marés já se cansaram
pelo desgaste do tempo.

Então a fé finge que voa
nesse cosmos virtual
como um pássaro sem asas
no céu estelar do nada
onde o destino se escoia
sem saber que é mortal.

74 – Desarmonia

Se viver é tudo aquilo
que só se faz no presente,

reviver é recordar
o tempo quase esquecido
incarnado num momento.

Quanto ao futuro esperado,
se algum dia chegar,
não é mais que vago anseio

de percorrer hesitante
a toponímia bizarra
que desenha o pensamento
num cosmos aberto ao meio

onde a matéria e o tempo
empurrados pelo vento
têm relógios que nunca
marcam as mesmas horas.

75 – Saber querer

O mundo é templo do espírito
e o homem o seu jogral
que vive e morre
no seio do círculo mágico
de uma paixão indizível
entre símbolos encantados
palavras que respiram
desejos estrangulados
no lento volver dos dias
e buscam confirmação
do sentido inteligível
da vida na criação.

Mas o grande mediador
entre homem e universo
é apenas o seu corpo
essa guarida da alma
na infinita tensão
entre o uno e o múltiplo
em muitos a querer saber
mas não sabem saber querer.

76 - Mentira

A mentira mata a alma
tal um pano que se rasga
com a usura do tempo,

até que ao fim nada fica
senão memória que trai
a ilusão que persiste

só em palavras que enchem
a vida da sua morte,
quando ela julga que existe.

77 - Linguagem

O ser é o pastor da linguagem
no manso avesso do mundo
ao partir à descoberta
de rumos no oceano vasto
de uma sintaxe intervalar

que vai deixando para trás
os pensamentos de espuma
de que já se perde o rasto
nessa imanência contida
em movimentos do mar.

78 – Escalada

Quando escalamos montanhas
e nos sentamos no cume
descobrimos a visão
no rasto do nosso olhar

que há sempre outras montanhas
a erguer-se no horizonte
como soldados hostis
de longas lanças em riste
que nos vão desafiar

79 – Guerra civil

Chefes de coração de pedra
que falam de paz
com o dedo no gatilho

cavam sempre na traição
grandes ravinas de fome
sabendo bem que as armas

são uma injúria à razão
ao criar terras sem homens
matando homens sem terra.

80 – Instante

O instante matou a duração
quando o tempo ficou bloqueado
na imagem desfocada do agora
vazia de movimento

nos muros duma prisão
ignorando o que não via
como se fora um filme sem imagens
sem acção nem pensamento.

81 – Entender a pergunta

A linha do infinito é algo
que se desloca conosco
quando no cosmos se eleva
a superior transcendência
da fusão dos horizontes.

Os mitos deixam de ser mitos
ao submeterem-se ao logos
numa aliança profana
unindo com um nó sonho e razão
ultrapassando os preconceitos
que apagavam a historicidade
contida na sua essência.

Compreender o verbo é então
entender a pergunta que este faz
nos termos que proclamam
a universalidade da linguagem
a irromper no interior de si mesma
recusando com firmeza aquele mundo
mergulhado na estática mudez
do dúbio reino dos fins

porque o homem nunca esquece que a vontade
da libertação exigida ou almejada
é consequência primeira da necessidade.

82 – Relativismo revisitado

A derrocada das transcendências fundadoras transformou a imanência do discurso no senso que afundou o verdadeiro em profundezas abissais do relativo.

Por isso a ordem do presente se perdeu e o futuro é agora a pátria dos silêncios onde ecos de passos se atropelam na confusão sem rumo de valores.

83 – Premonição

Não quero reviver depois do fim
numa imortalidade imaginária
de fantasias trémulas ou letais
a percorrer um corredor de espelhos
onde não há nada a descobrir
e só o engano se renova
nas órbitas vazias sempre iguais.

Tudo se repete na chã monotonia
os homens são estátuas que não mudam
e o amor dissolve-se em espuma
que, em busca de nada, vai e vem
na orla do continente vegetal
nesse acto repetitivo e desconexo
que o fingimento tem.

O que acaba, acaba duma vez
e outros desesperos lhe sucedem
conservando o pensamento vago
num ápice olvidado
de um riacho que escoia nas areias
e se perdeu de sede sem regresso
na savana agreste das ideias

porque a vida é apenas movimento
energia de átomos concentrada
que não tem nem ordem especial
nem sequer o alibi do sentimento
igualmente aplicado aos homens e às pedras

ao mesmo tempo que a terra sempre igual
vai girando cada vez mais lentamente
até desaparecer indiferente e fria
na nudez esquálida e vazia
do espaço infinito em silêncio
desse universo astral
onde o remorso
fará nascer um novo planeta
para recomeçar talvez inutilmente
uma vez mais.

84 – Busca

Mais do que o reflexo do ser
o homem procura
o ser no reflexo

mas nenhum desses caminhos
chega para ter um destino
no cruzamento do bem com o mal
que vá além da imagem aparente

da arqueologia do saber
incarnada na metáfora
de um processo dormente
subjacente ao real.

85 – Negritude

Foi no ano de
mil novecentos e trinta e nove
que um poeta inventou
em hora de desespero
a palavra mágica
que se agitava oculta
no coração dos homens.

Depois o tempo escorreu num fio brando
e o universo corcovou-se devagar
enquanto os punhos da palavra martelaram
em tambores estremunhados
trovões que transportaram
o fogo da revolta em céu aberto
que rasgou como uma faca o ar.

Então o homem surpreendido descobriu
inquieto e até envergonhado
a evidência simples e banal
que afinal pensar o outro
é pensar o mesmo...

86 – Sentido das palavras

O dom dos deuses não é o fogo
mas a linguagem enalhada
num espaço de eternidade

onde os mortos também falam
quando o eterno não significa “sempre”
mas o que está para acontecer.

87 – Liberdade

Não se nasce livre.
A liberdade conquista-se
ao derrubar as barreiras
que nos escondem falácias.

88 –Determinismo

A história dá às vezes
sentido ao sem sentido
mas o progresso não é
uma lei da natureza.

89 – Sobrevivência

Enquanto pudermos falar com o outro
e a esfera da palavra não definhar
a verdade sobreviverá
como um cacto no deserto.

90 – À deriva

No universo do pensamento
há sempre algo que escapa
àquele que pensa

como na palavra dita
se afogam restos informes
que nunca virão à tona.

91 – Ironia

A moral dos bem-pensantes
tem sempre, sempre, as mãos limpas

pela prosaica razão
que não tem mãos...

92 – Discurso

Os animais não têm discurso
nem perdem tempo com ele.

Se o tivessem como nós
morriam todos de fome.

93 – Nominalismo

A verdade não revela coisa alguma
da natureza das coisas
quando traça unicamente
características dos nomes
onde tudo o que existe
é indivisível e singular.

94 – Cultura

A cultura custa caro.
Mas se estão tão descontentes
experimentem a ignorância...

95 – Fronteira

A finitude do humano
é o infinito do ser.

96 – Os novos sobas

Eis que chegaram os sobas engravatados
que há séculos venderam almas
às caravelas negreiras
ancoradas na memória.

Com eles vieram também
novos tempos de desforra
com poder de vida e morte
nas brumas imaginárias
do império do mandar.

São inconstantes carrascos
que acusam todos com tudo
com razões que só neles moram

inchando em cada dia
como rãs verdes no charco
de vaidade e fantasia,

velas que sopram sem barco
argonautas que viajam
ao sabor da maresia...

97 – Viagem

Experiência é viagem
entre paredes opacas
só transponíveis quando chega
o sopro da imaginação.

98 – Viver a previsão

O tempo passivo existe
com tendência para o nada
de qualquer coisa que passa.

É o devir que alimenta
a imaginação do homem
porque a hora da sua morte
fica escondida
e a força da ousadia
lhe é então permitida.

O tempo que depois renasce
é desde logo um espaço livre
feito de previsão.

99 – Importância do tempo

A importância do tempo
não está em vivê-lo
mas em valoriza-lo
na interpretação dilacerada
do acontecer.

100 – O século de Prometeu

Não há espírito
que não seja espírito de alguém

nem consciência que não pertença
a um sujeito que vive

nem ideia pura que eclode do nada
na circularidade de si

quando o tempo
é heterogéneo e desigual

o espaço se inscreve na multiplicidade
onde tudo depende de tudo

no vasto movimento pendular
da acção das coisas e dos seres

em rupturas por vezes torturadas
do grande relógio do universo

sem espantos nem badaladas
quando bate o coração da entropia

cumprindo passo a passo
o caminho de Prometeu

esse deus trágico
da nossa modernidade..

101 – Tempo e eternidade

[Para António Manuel Ramos]

O tempo é o impalpável do real
na forma de existência
dos objectos que envelhecem.

Ele não é um processo
que a si próprio se basta

agindo à maneira
de um demiurgo que domina
a duração que não dura.

O passado é o possível cumprido
o presente é a passagem
do possível à realidade

enquanto o futuro
é um vazio existencial.

Mover-se na galáxia do futuro
é criar o futuro

quando o movimento para o devir
é o processo da sua criação.

O mundo está no tempo
porque é nele que nasce o novo
e morre o antigo.

Nesse caso a duração é, por essência,
o movimento da matéria
e não conhece a imobilidade.

Numa eternidade que existisse fora do tempo
não haveria diferença alguma
entre passado, presente e futuro

porque o tempo é mudança
e a eternidade imutável
é a pergunta a que faltaria responder.

102 – Precedência

Para que o tempo exista
é preciso que o universo
tenha chegado antes.

103 – Tempo de crise

Acima do chão juncado de desempregados
os poderosos comprazem-se na Disneylândia
a coleccionar galáxias...

104 – Fazer frente

A atmosfera omnipresente
da ameaça do cepticismo
tolda o espírito do universo
ensombrado de medo

e não é o elogio
que traz a resposta consigo
por ser sempre duvidoso

nem o optimismo beato
a fingir que se revê
num espelho luminoso

que afastam o que é sombrio
quando só os discursos
enfrentam o desafio.

105 – Alcance das teorias

As teorias não servem de nada
dentro de causas vazias
a menos que as preencham
com a dureza dos factos.

106 – Elogio

Um cão vivo vale mais
do que um rei moribundo.

107 – Gramatologia

A marca própria do ser
é a identidade da coisa
com ela própria.

O nada que o ser combate
é povoado de incógnitas
que a semântica atropela

dentro da floresta da linguagem
onde o infinito
não tem exterior.

108 – Causas

Se Deus fosse o mundo
o mundo seria sem causa
e o panteísmo
um ponto de interrogação.

Ora um ser sem causa
é racionalmente contraditório
porque a revelação desaparece
e o espanto triunfa.

109 – Palavra

O universal é talvez
o signo da razão,

mas é a palavra e não razão
que distingue o homem
do resto da natureza.

110 – Cepticismo

Sem o cepticismo
a própria verdade
seria intolerante.

111 – Averroísmo

[Relembrando Ibn Rushd, dito Averróis]

Averróis disse um dia
que a morte era o fim do homem
embora não do pensamento.

O perigo do averroísmo
ameaçou então
as civilizações religiosas
baseadas na eternidade
e no medo do além

que o clero alimentava
em nome da imortalidade individual,
pelo que todos se empenharam em calar-lhe a voz.

Foi assim que o islão perdeu
a batalha inquieta da ciência.

112 – Auschwitz

[Para Daniel Santos, Canadá]

Pensar é interrogar-se
sobre a origem radical das coisas
à maneira de Leibniz.

Assim, se tudo está previsto,
qual foi o deus que deixou
que se cumprisse Auschwitz

com os seus milhões de crianças
que abalaram a onisciência
tão apregoada do divino?

113 – Causa e efeito

*[Relembrando
o filósofo Marcel Conche]*

A relação de causalidade
não implica só
o efeito contido na causa.

A causa produz o efeito
mas não o explica
a menos que seja a causa de si própria.

O efeito gera o novo
em relação à causa
que não pode desvendar.

114 – Relativismo

O relativismo cultural é o absurdo
inseparável do nihilismo.

A liberdade sem ressonância que se busca
desagua surdamente no vazio

que esconde lá no fundo o fingimento
de quem não sabe dizer não

e se dilui no magma pastoso
do morno anonimato...

115 – Indivíduo universal

Só o indivíduo universal
prefigura o homem e a voz

e se inscreve como ferro em brasa
na solidão inelutável

de um canto que recusa
diluir-se na multidão que vocifera.

116 – Incerteza

[Para Jacinto, Catarina e Elizabeth]

A luz que nos chega ainda das estrelas
mortas há milhões de anos
mostra que o que é pode não ser

que nem sempre o que se vê é verdadeiro
e que em todas as vertentes do pensar
a certeza é um conceito traiçoeiro.

117 – Ser e existir

Ser não é existir
e a existência não implica o ser.
Tal como um indivíduo anónimo
que existe mas não é

também certas figuras,
Tartufo ou D. Quixote,
não existem mas têm ser

porque há ontologias
que me movem fora
da esfera do viver.

118 - Saber

[Para José Filipe Pinto]

O saber é o estado de privação
na perseguição do diverso.

119 – Discurso *dormitivo*

[Para Manuel Ennes Ferreira]

A homilia dominical do ministro das finanças
sussurrada ao cair da noite
como um acto de contrição religiosa
a custo audível aos ouvidos dos contribuintes

tão suave é o som da sua voz
e o seu tom angelical
acaba mesmo assim por tirar o sono ao povo
apesar das virtudes dormitivas do discurso.

A nação ao saber que vão chover mais impostos
como um dilúvio divino
já começou com afã a construir
uma nova arca de Noé

onde embarcarão todos os animais
menos, desta vez,
economistas ultra-liberais
ministros, banqueiros,
despesistas tresloucados
demais financeiros
e outras mercês...

[Agosto 2011]

120 – Intemporalidade

O saber histórico
não conhece a eternidade
nem prossegue caminhos
para lá do seu tempo próprio.

Catedrais e Sumas teológicas
no seu *irredutismo* imóvel
fazem por vezes esquecer
que o intemporal
é apenas um conceito
do tempo eternamente inacabado

que nasce do eco
vindo dum abismo fundo
e volta para ele silencioso
sem mudar o mundo.

121 – O poder da imaginação

Só a imaginação pode criar um espaço
para lá do espaço
e um tempo antes do tempo
ou depois dele

porque vive na representação
fora dos limites da vontade
e, na palavra de Valéry,

em leis escondidas
numa lógica imaginativa
agente de todas as fusões...

122 – Sageza

[Para José Carlos Venâncio]

Para o velho Descartes
”*eu sou, logo existo*”.

Mas o africano Mbiti
disse com igual sageza:
“*eu sou, porque somos*”.

Por dois caminhos diferentes
chegou-se à mesma justeza

na falsa contradição
de verdades convergentes.

123 – Ser livre

[Para Gabriela Gomes]

É livre a água
que escorre da montanha

como o homem que marcha
sem o pensamento da morte.

É livre a nuvem que galga
horizontes sobrepostos

empurrada pelo sopro
da respiração da terra.

Mas não é livre quem sabe
que o tempo traz o limite

inexorável da vida
que suspende o movimento

transformando o que era
num lapso, num intervalo

tão curto que a duração
se desfaz no próprio instante.

124 – Filosofia

A filosofia existe
porque o homem morre.

125 – Tempo e espaço

Não é possível viver num mundo
fora da dominação do tempo,
esse conviva traiçoeiro
que não se pode expulsar
para ser livre.

O tempo difere do espaço
por ter uma direcção.
Nada se move nele
como se move no espaço.

Desde logo o espaço é livre
e o tempo determinista.

126 – Dúvida

Dizem que só Deus está fora do tempo.
Mas há quem pergunte
como pode Ele interferir
em processos temporais
se vive fora do tempo?

127 – Equivocidades

A metafísica é a redução da linguagem
à dimensão conturbada do signo

e o signo é um modo
de presença equívoca das coisas

onde o inconsciente
é estruturado como linguagem

que capta a permanência
no transitório

e gera o mito volátil
da ambiciosa transcendência...

128 – Tempo

[Relembrando V. Jankélévitch]

Uma temporalidade
que não seja irreversível
é perigosamente irracional.

Mesmo no próprio espaço
o irreversível tem sempre
um carácter temporal.

Assim a reversão do irreversível
é a vã relação do homem
com o impossível

porque o tempo não se deixa dissuadir
nem tão pouco se pode parar
por ser a forma inexorável

do nosso destino, ou seja
duma finitude onde tudo o que passa
é um fluxo sem refluxo.

Quando o Amanhã expulsa o Hoje
o Hoje torna-se Ontem
e nunca mais nos será devolvido

pois cada instante só chega uma vez
abraçando o caminho inelutável
da renovação infinita pela vida ou pela morte.

129 – Regresso

O homem envelhecido
que regressa às origens
e à sua inocência primeira

no lugar onde nasceu,
volta afinal aonde nunca esteve
e vislumbra o que jamais antes pressentiu..

Aquilo que reconhece
é mais verdadeiro do que reconhecível
como Ulisses que à chegada revê
Ítaco e a sua velha Penépole...

130 – Universalidade dos carrascos

*[Aos democratas africanos
cujo número vai crescendo dia a dia
para inquietação dos facínoras]*

Todos os carrascos se parecem
no lado nocturno da razão

de norte a sul dos hemisférios
quando celebram a oração das máscaras.

Nessa monotonia do mal que se repete
nos cânticos que o medo espalha

as sombras são em toda a parte iguais
tal como as utopias gastas.

131 – Falsa consciência

O que o pensamento sobrevoa
quando julga ser consciência do tempo
nunca é o próprio tempo
mas um instante projectado no espaço.

Se o ser humano tivesse
no tempo como no lugar
o duplo domínio do ir e do voltar
o tempo tornar-se-ia manejável
e o homem seria quase como Deus.

O onírico cria ou ressuscita
porém é imanente
ao tempo irreversível
envolvido sem mercê nas suas redes
porque tudo, até a alma e o movimento,
só neste é que é possível.

132 – Europeístas justiceiros

[Para Carlos Paisana]

Pela voz tonitruante e genial
de um Alto Comissário da União
os países pelintras devem pôr
a meia haste a bandeira nacional

para castigo da sua leviandade,
que todos sabem ser congenial,
em cavar buracos nas finanças
com grande prejuízo da moral.

Disse também outro político europeu
num tom de paladino iracundo
com argumento ainda mais ponderoso
do que todo o peso deste mundo,
que tudo isso é pecado mortal
pois tal país é decerto criminoso

e deve ser julgado como tal
metendo-se os presidentes na prisão
e sobretudo o povo mandrião
que tem sempre a autoria material
da malvadez em prejudicar os ricos.

Cá por mim julgo humildemente
que as opiniões destes grandes pensadores
são ainda demasiado brandas
porque os trâmites legais seriam longos
e a justiça europeia tardaria.

O mais simples sem dúvida seria
para curar a sério tal maleita
fuzilar logo o povo duma vez:
e justiça seria feita...

133 – Panteísmo

*[Para Fernando Santos Neves,
agitador de conceitos]*

O panteísmo do século XXI
põe no lugar do homem a mercadoria
desfazendo a estrutura hierárquica do ser
ao destruir a razão iluminista
e com ela o quadro geral do que é pensável
na velha ordenação geométrica do universo
de que falava Espinosa.

É por isso, alguns relembram,
que a metafísica da representação idealista
já não pode pensar a Economia ou a Ciência
como chave crítica das instituições.

O homem, ser fronteiroço
entre imanência e transcendência
ficou cansado de si próprio
nesse universo ambíguo da equivocidade
e auto-anunciou a sua morte
com a vinda escatológica e simplista
da era pós-moderna...

134 - Era pós-industrial

Perderam-se ofícios e tradições
nas dobras da ambição espúria.
Os artesãos foram sendo estrangulados
por monstros estranhos e ferozes
que indiferentes desertaram das promessas

e deixaram para trás sem um remorso
rastros de poeira e de silêncio
num deserto de ignorância enfatuada
inundada de entropia
onde ninguém sabe mais
o que fazer de suas mãos com mais-valia
para criar vida à maneira antiga.

É um mundo do ter por ter
de inconstante ligeireza
e frémitos que se fazem e desfazem
ao mais pequeno sopro de uma brisa leve
que traz às vezes a nostalgia dos começos

a diluir-se lentamente em fumo negro
saído das entranhas arrancadas
por uma água voraz que paira majestosa
nas regiões ardentes da loucura.

135 – Relembrar

Relembro tudo e não esqueci nada
do alvorecer ao cair das sombras
do quotidiano que passa lentamente
até que um dia a morte
peça enfim contas à vida.

Relembro tudo, umas vezes com Saudades,
outras com o remorso de não ter sabido
que o instante não regressa nem renova
a singularidade inerte do momento.

Mas relembrar não é reconstruir
porque apenas revive em sonho vão
o impossível recuar do tempo.

136 – Regresso

É nas cinzas onde reside a luz
que vêm debicar as aves no regresso
das longas viagens pelos mares do sul.

É lá na palidez morna da paisagem
que o sol ao espreitar se cala
e a paz se suicida em cada noite

no espaço em que o silêncio tem guarida
e estiola solitário sem saber
qual a diferença entre morte e vida.

137 – Enigma

A realidade é tudo o que é real
quer dizer tudo o que é

mas o todo
é por definição não definível

nos buracos negros e espaços curvos
da fragilidade do universo

e no incomensurável sofrimento
do homem como enigma de si mesmo.

138 – Casa comum sem raças

[“A terra é a casa comum dos homens”,
cf. Adriano Moreira, *Da utopia à fronteira
da pobreza*, 2011, pág. 103]

No homem só há as raças
que têm a consistência
dos raios do arco íris

e brotam do preconceito
em reflexos de luz
que se dissipam no cosmos

cercado por muros altos
e pensamentos fechados
não deixando o sol entrar

na velha casa dos homens
quando a angústia é tão grande
como a que vem das origens.

139 – Pensamento livre

[Para Manuel Alves da Rocha, Angola]

Não digo *adieu* nem mesmo *au revoir*
à nostalgia que sobra do passado

mas olho para trás de vez em quando
para me certificar que ainda estou

no trilho que conduz a qualquer parte,
talvez a nada, talvez ao firmamento

onde o que é anquilosado e estreito
não ameaça o livre pensamento.

Índice

Dedicatória	
Trabalhos do autor	
Prefácio	
1 - Adeus a um amigo	
2 – Utilidade do pensar	
3 – Tecnocacia triunfante	
4- Civilização do instante	
5 – Se	
6- Rir	
7 – Passagem	
8 – Ideia e facto	
9 – Silêncio	
10 – Criação	
11 – Efémero	
12 – Migração das almas	
13 – Complementaridade	
14 – Rumos	
15 – Memória	
16 – O regresso da crise	
17 . Justificação da palavra	
18 – Unidade	
19 – Antecipação	
20 – Tempo de viver	
21 – Outono da vida	
22 – Diálogo	
23 – Limites da razão	
24 – Ambições realistas	
25 – Identidade	
26 – Palavra	
27 – Inquietação	
28 – Natal	
29 – Turbulências contemporâneas	

30	– Espírito absoluto
31	– Tempo
32	– Concretude
33	– Mistério do pensar
34	– Criação
35	– Vontade
36	– Imprevisibilidade
37	– Aparência
38	– Maravilhoso mundo novo
39	– Simbiose
40	– Palavra e pensamento
41	– Tempo que tivemos
42	– Erlebnis
43	– Até soar a hora
44	– Cinzas ao mar
45	– Tempo dos relógios
46	– Essência
47	– Identidade e reconhecimento
48	– Tempo e metáfora
49	– Remorso
50	– Liberté, Égalité, Fraternité
51	– Tentação
52	– A fábula do tempo
53	– Utopias
54	– Passagem para o largo
55	– Renovação
56	– Para lá da razão?
57	– Sentido
58	– A morte do Político
59	– “Raças”
60	– Presença e interpretação
61	– Verdades
62	– Esquecimento do querer
63	– Funeral da ortodoxia
64	– Fraqueza

65	– Resistência do ser
66	– Viver entre as ideias
67	– Perseverança
68	– Genocídios
69	– Unicidade do mundo
70	– Unidade do ser global
71	– Finitude
72	– Desocultação
73	– Nostalgia
74	– Desarmonia
75	– Saber querer
76	– Mentira
77	– Linguagem
78	– Escalada
79	– Guerra civil
80	– Instante
81	– Entender a pergunta
82	– Relativismo revisitado
83	– Premonição
84	– Busca
85	– Negritude
86	– Sentido das palavras
87	– Liberdade
88	– Determinismo
89	– Sobrevivência
90	– À deriva
91	– Ironia
92	– Discurso
93	– Nominalismo
94	– Cultura
95	– Fronteira
96	– Os novos sobas
97	– Viagem
98	– Viver a previsão
99	– Importância do tempo

100	– O século de Prometeu
101	– Tempo e eternidade
102	– Precedência
103	– Tempo de crise
104	– Fazer frente
105	– Alcance das teorias
106	– Elogio
107	– Gramatologia
108	– Causas
109	– Palavra
110	– Cepticismo
111	– Averroísmo
112	- Auschwitz
113	– Causa e efeito
114	– Relativismo
115	– Indivíduo universal
116	– Incerteza
117	– Ser e existir
118	– Saber
119	– Discurso dormitivo
120	– Intemporalidade
121	– O poder da imaginação
122	– Sageza
123	– Ser livre
124	– Filosofia
125	– Tempo e espaço
126	– Dúvida
127	– Equivocidades
128	– Tempo
129	– Regresso
130	– Universalidade dos carrascos
131	– Falsa consciência
132	–Europeístas justiceiros
133	– Panteísmo
134	– Era pós-industrial

135 – Relembrar	
136 – Regresso	
137 – Enigma	
138 – Casa comum sem raças	
139 - Pensamento livre	

O autor:



Adelino Torres, professor catedrático jubilado do ISEG (Universidade Técnica de Lisboa), é actualmente professor Catedrático da Universidade Lusófona de Lisboa

Entre os seus trabalhos:

a) Poesia:

livro I: *Uma fresta no tempo seguida de Ironias* (Ed. Colibri, 2008); livro II: *Histórias do tempo volátil* (Ed. Colibri, 2009); livro III : *Cantos do crepúsculo* (Ed. Colibri, 2011); livro IV: *Tempo*

irreversível (Ed. Colibri, 2011)

b) Outros livros:

Horizontes do Desenvolvimento Africano no limiar do século XXI (Vega); *Demografia e Desenvolvimento* (Gradiva); *O Império português entre o real e o imaginário* (Escher); *Portugal-Palop: as relações económicas e financeiras*, Coord. e co-autoria de, (Escher); *Sociologia e teorias sociológicas* (A Regra do Jogo. 4ª ed.); *Novos elementos do Método no Estudo* (Vega, 4ª ed.); *Estudos de Economia Portuguesa* (com Laura Veloso), 2 vols (A Regra do Jogo).

c) Artigos e textos em: *African Economy History* (Wisconsin, EUA); *Análise Social* (Lisboa); *AntroPolítica* (Univ. Federal Fluminense); *Cultura* (Luanda, Sociedade Cultural de Angola); *Economie et Humanisme* (Lyon, Ed. Ouvrières); *Episteme –Revista Multidisciplinar da Univ. Técnica de Lisboa* (Lisboa, Univ. Técnica de Lisboa); *Esprit* (Paris, Seuil); *Estratégia* (Lisboa, IEEI); *Estudos de Economia* (Lisboa, ISEG/UTL); *Estudos Afro-Asiáticos* (Rio, Univ. Cândido Mendes); *Moderna* (Porto, Univ. Moderna); *Nação e Defesa* (Lisboa, Inst. Defesa Nacional); *Revista NRF-Nouvelle Revue Française* (Paris, Gallimard); *Studia Africana* (Barcelona); *Studia Africana* (Porto, Univ. do Porto); *Encontro* (Brasil, Rev. Do Gabinete Português de Pernambuco); *Africanologia* (Lisboa, Univ. Lusófona); *Cadernos de Economia* (Lisboa, Ordem dos Economistas); “A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa no contexto da globalização” em colaboração com Manuel Ennes Ferreira, in Adriano Moreira (Direcção de), *Comunidade dos países de língua portuguesa*, Lisboa, Almedina, 2001; “Terrorismo: O apocalipse da Razão?” in Adriano Moreira (Direcção de), *Terrorismo*, Lisboa, Almedina, 2004.

“Fotografia e desocultação da memória” in: www.adelinotorres.com (Página “Filosofia”, 2011).